

NOSSA AGECEF

O Jornal da Associação dos Gestores da Caixa - Bahia

Nº 75 - DEZEMBRO 2020



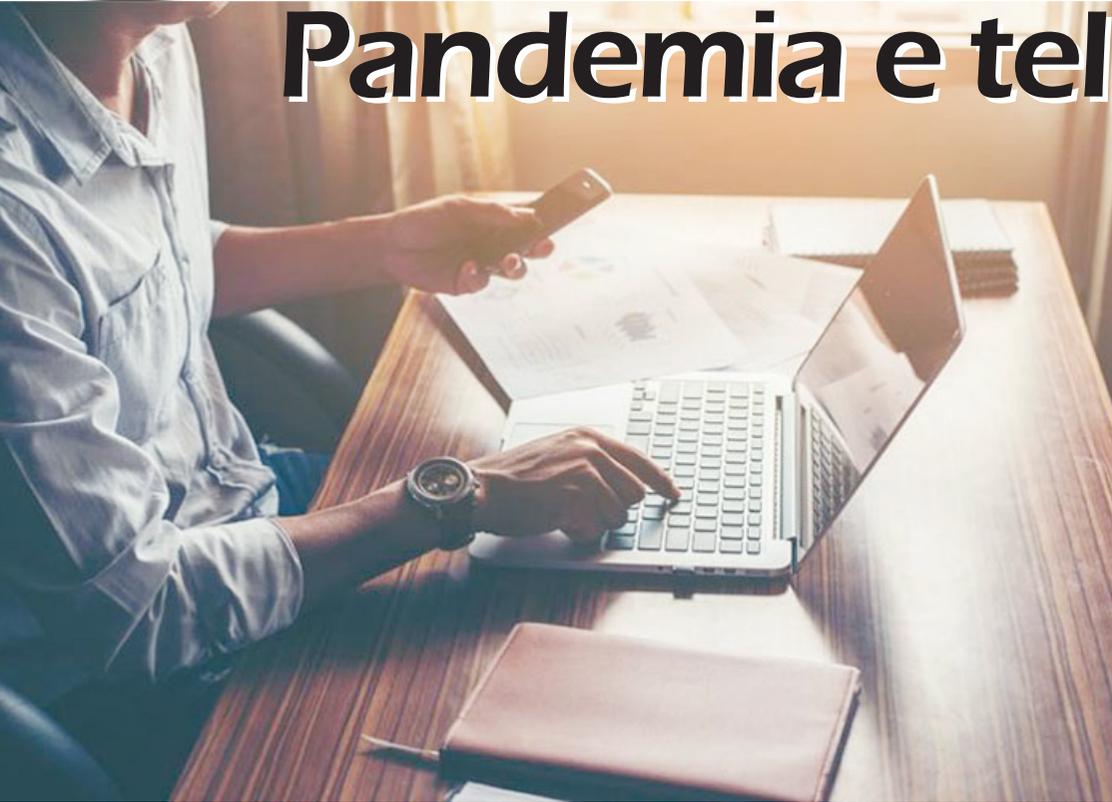
PRESIDENTE: CARLOS ALBERTO AFONSO COSTA

UM ANO PARA FICAR PARA HISTÓRIA

A pandemia de Covid-19 pegou todos de surpresa e os planos foram modificados desde março. Muitos trabalhadores, inclusive os bancários, foram colocados em home office como forma de proteger os funcionários, principalmente os do grupo de risco. Mas, os ataques contra as empresas estatais, como a Caixa, não deram trégua. De forma virtual, a categoria mostrou a força e arancou um acordo com a manutenção de direitos. Para 2021, a esperança é dias melhores para todos.

Página 2

Pandemia e teletrabalho



Em um ano totalmente atípico, todos foram surpreendidos e viram sua rotina mudar desde março, com o início da pandemia causada pelo novo coronavírus. Com os bancários não foi diferente. As entidades representativas cobraram um posicionamento dos bancos e, para proteger a saúde da categoria, aproximadamente 230 mil funcionários foram colocados em trabalho remoto.

Na Caixa, 70% dos empregados foram direcionados para o home office, mas pesquisa recente do Dieese mostrou que 18,7% dos trabalhadores estão trabalhando em casa.

Ainda sem perspectiva para o fim da pandemia, a direção do banco propõe um modelo híbrido para que parte do trabalho seja presencial e outra em home office. Além disso, a Caixa não quer permitir o controle da jornada para não dar autonomia aos empregados. No entanto, o trabalho remoto continua até o dia 30 de janeiro de 2021.

Empregados se destacam na pandemia

Os empregados da Caixa desempenharam papel fundamental para o desenvolvimento do Brasil. Em meio à pandemia, foram responsáveis pelo atendimento de quase 140 milhões de brasileiros para receber o auxílio ou FGTS emergencial ou a antecipação do abono e PIS.

Os trabalhadores sofrem com metas e jornadas exaustivas que são expostas por conta da gestão pelo medo imposta pela direção da Caixa, mas estão na linha de frente do atendimento da população, sobretudo a mais carente, com agências lotadas, colocando a vida e a saúde em risco em prol da sociedade.

É através do trabalho dos bancários que a empresa cumpre o papel como banco público. Apesar de todo o empenho, a direção do

banco aumenta as metas e obriga os empregados a trabalharem ainda mais para alcançar o objetivo, com jornadas além do previsto. Ainda implementou uma reestruturação da empresa, resultando na devolução e venda de 170 imóveis, e trabalhadores sem saber para onde serão transferidos ou mesmo se a área ainda vai existir.

Achando pouco, a Caixa anunciou mais um PDVs (Programa de Desligamento Voluntário), que ampliaram ainda mais o déficit nas unidades em mais de 20 mil. Mesmo assim, se nega em contratar os aprovados no último concurso público para recompor o quadro da empresa. No final, os prejudicados são os trabalhadores por causa do acúmulo de atividades, e a população, com o atendimento precário.



3 perguntas que a Funcef não responde

FENAE



FUNCEF DEIXA A DESEJAR

Sem o menor interesse em amenizar os problemas dos participantes e assistidos, a FUNCEF deixou a desejar durante todo o ano. Na lista de problemas enfrentados tanto pelos ativos, quanto pelos aposentados, margem consignável do Credplan, redução do equacionamento, décimo terceiro e convênio com o INSS.

Os participantes também cobraram maior transparência em relação às eleições para a escolha de novos

membros do Conselho Deliberativo e do Conselho Fiscal da Fundação. As entidades representativas reivindicam a retomada imediata processo eleitoral, suspenso em março.

O balanço da FUNCEF do 3º trimestre apresentou superávit de R\$ 560,7 milhões, sendo que 67% foi produzido pelo REG/Replan Saldado. Mesmo assim, o resultado do acumulado até setembro é insuficiente para reverter o déficit existente.

CAMPANHA NACIONAL VITORIOSA

A pandemia foi mais um desafio para os bancários, que tiveram que demonstrar toda força de mobilização de longe e foi uma das únicas categorias a garantir aumento este ano, em um cenário de crise. Mesmo de forma virtual, por conta do isolamento social em decorrência da pandemia, a categoria conquistou a manutenção de todos os direitos da CCT (Convenção Coletiva de Trabalho) no acordo firmado na Campanha Nacional 2020 depois de 14 rodadas de negociações com os bancos.

Para este ano, 1,5% para

salários mais abono de R\$ 2 mil para todos os funcionários, reposição da inflação para demais verbas, como VA e VR, e foi mantida a regra da PLR (Participação nos Lucros e Resultados), com reposição da inflação nos valores fixos e tetos. O aumento real, em 2021, será de 0,5% para salários e demais verbas. Mesmo após o fim da campanha, o Comando Nacional não para de reivindicar melhores condições para a categoria. Agora, a cobrança é para os bancários serem incluídos no grupo prioritário para a vacina contra a Covid-19.

NA CAIXA, DIREITOS MANTIDOS

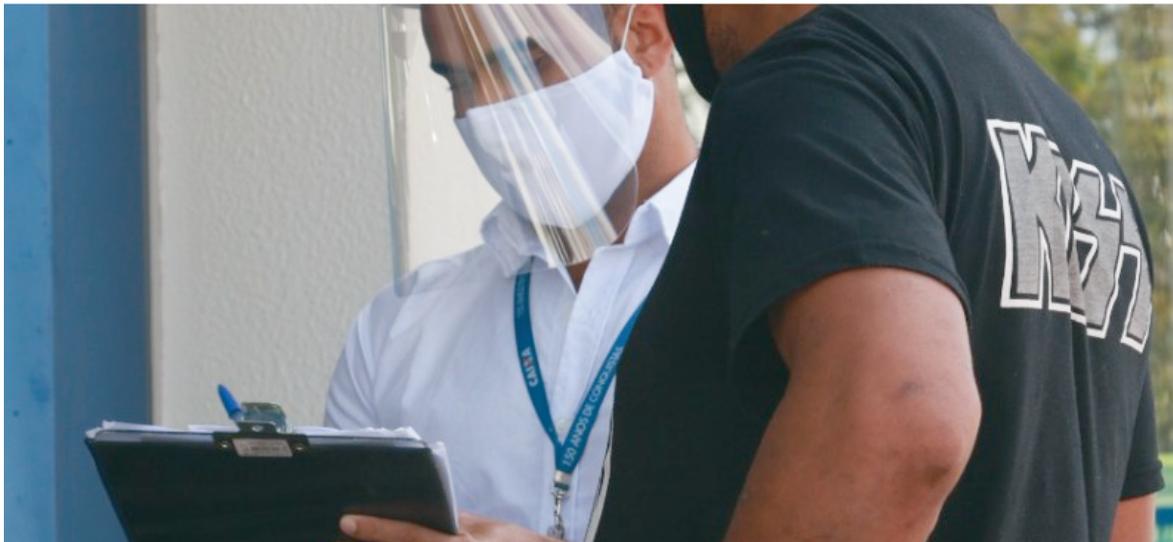
Os empregados da Caixa foram resistentes e não aceitaram retrocessos impostos pelo governo e direção do banco. Os trabalhadores conseguiram manter os direitos do Acordo Coletivo de Trabalho e ainda novos avanços.

Além da manutenção dos direitos contidos do ACT anterior, os trabalhadores mantiveram a PLR Social e o Saúde Caixa para todos. A Participação nos Lucros e Resultados, pelo Acordo Coletivo de Trabalho atual, é paga sobre o lucro líquido do primeiro semestre, que foi R\$ 5,6 bilhões.

Na Caixa, a PLR corresponde a regra básica e parcela adicional, seguindo o modelo da Fenaban, acrescida da PLR Social, que corresponde à distribuição de mais 4% do lucro. O banco pagou 50% desse total na antecipação.

Sobre o Saúde Caixa, foi mantida a assistência médica para todos, com teto de 6,5%, e manutenção do modelo de custeio baseado no pacto intergeracional, mutualismo e solidariedade. Também a proporção 70/30 no custeio e o caráter solidário do plano, com restabelecimento da participação dos novos empregados.

Outras conquistas dos empregados da Caixa na Campanha Nacional foram que as férias podem ser parceladas em até 3 vezes, a critério do bancário, possibilidade de flexibilizar o intervalo de almoço em mínimo 30 minutos e máximo de 2h para quem tem jornada de 8 horas, manutenção das ausências permitidas e Grupo de Trabalho do Saúde Caixa para decidir por consenso a sustentabilidade do plano.



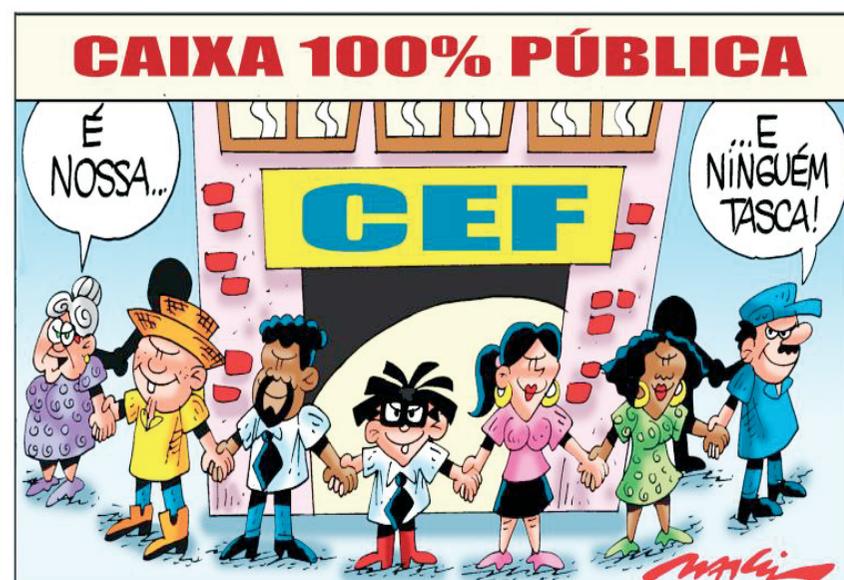
DEFESA DA CAIXA 100% PÚBLICA

A mobilização pela Caixa 100% pública e a defesa do patrimônio nacional foram destaque em 2020. As tentativas do governo federal de vender o banco foram inúmeras. A Medida Provisória 995, que pretendia privatizar a Caixa a partir de suas subsidiárias, perdeu validade no início de dezembro, mas a luta não vai parar em 2021.

Foi uma vitória das entidades representativas, empregados e da sociedade, porém a MP conseguiu efeito nocivo enquanto ficou em vigor. O governo continua insistindo na venda de ativos da estatal e já anunciou que a abertura de capital da Caixa Seguridade e

do banco digital podem acontecer no ano que vem.

As medidas contra a instituição financeira são injustificáveis. Exemplo disso é que para atender à população em meio à pandemia de Covid-19, especialmente no pagamento do auxílio emergencial, os trabalhadores foram convocados para desenvolver o sistema do banco digital. Em tempo recorde e sem ajuda dos bancos privados, atenderam 105 milhões de contas digitais. Nem com todas as provas da importância da empresa, a direção do banco deixa de querer entregar o empenho dos empregados para o mercado privado.



AGECEF CONVIDA FOI O DIFERENCIAL

Ao longo dos 28 anos, a AGECEF-BA tem se destacado na defesa dos gestores da Caixa. Por conta da pandemia, as reuniões presenciais foram canceladas e, mesmo assim, o contato continuou sempre próximo com os associados através dos encontros virtuais.

Mas, para inovar, em outubro, foi realizada a primeira edição do **AGECEF Convida**. O evento trouxe convidados para debater sobre tudo relacionado ao banco, a exemplo dos ataques sofridos pelo governo, trabalho árduo dos empregados, com jornadas exausti-

vas de até 14 horas, especialmente durante a pandemia, a atual gestão da instituição financeira, defesa da Caixa 100% pública e valorização dos seus trabalhadores. PDVs (Plano de Desligamento Voluntário), IPOs (abertura de capital) das subsidiárias, Saúde Caixa, reestruturação promovida pelo banco, desligamento de quem se aposentou pós reforma da Previdência e FUNCEF também foram discutidos.

Passaram pelas cinco edições do **AGECEF Convida** o presidente do Sindicato dos Bancários da Bahia,

Augusto Vasconcelos, a deputada federal Erika Kokay (PT-DF, o vereador de Salvador, Marcos Mendes, todos empregados da Caixa, o aposentado da Caixa, ex-presidente da FENAE e criador do Instituto Datagênio, Pedro Eugênio Beneduzzi Leite, e o advogado da FENAG, Rogério Ferreira Borges. Em 2021, o evento promete discussões ainda mais amplas para os associados.



NOVA DIRETORIA À FRENTE DA AGECEF BAHIA

Em julho, a nova diretoria da AGECEF-BA (Associação dos Gestores da Caixa) foi empossada para o mandato de dois anos com todos os desafios impostos com o atual cenário de crise cau-

sada pela pandemia de Covid-19 e a luta em defesa da Caixa 100% pública e dos gestores. A solenidade, através de videoconferência, foi ampla e bastante representativa.

O ex-presidente Antônio Messias Rios Bastos, que assumiu a vice-presidência da entidade, passou para Carlos Alberto Afonso Costa, Carlão, como é conhecido, é engenheiro civil e ingressou na Caixa em 2001, sendo que em 2009 foi promovido à gerente. Dois anos depois, se tornou gerente geral e ocupa hoje o cargo na Agência Itapuã.

Além da Diretoria Executiva, tem ainda a presidência do Conselho Deliberativo, ocupada por Karem Alyne Santana Guimarães e do Conselho Fiscal, que tem à frente Sâmio Cássio de Carvalho Melo. A nova gestão da AGECEF Bahia possui 29 gestores entre diretores e suplentes dispostos a atuar em defesa dos profissionais da Caixa.

